

The Project Gutenberg EBook of Memorias de um pobre diabo, by  
Bruno Henriques de Almeida Seabra

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with  
almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or  
re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included  
with this eBook or online at [www.gutenberg.net](http://www.gutenberg.net)

Title: Memorias de um pobre diabo

Author: Bruno Henriques de Almeida Seabra

Release Date: April 6, 2010 [EBook #31906]

Language: Portuguese

Character set encoding: ISO-8859-1

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK MEMORIAS DE UM POBRE DIABO \*\*\*

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images  
of public domain material from Google Book Search)

MEMORIAS  
DE  
UM POBRE DIABO  
POR  
ARISTOTELES DE SOUSA.



**RIO DE JANEIRO**

LIVRARIA LUSO-BRASILEIRA

30—RUA DA QUITANDA—30



*Aristoteles de Souza*  
*[Signature]*

# MEMORIAS DE UM POBRE DIABO.

Typographia—PERSEVERANÇA—rua do Hospicio n. 91

1868

MEMORIAS  
DE  
UM POBRE DIABO  
POR  
ARISTOTELES DE SOUSA.

ARISTOTELES DE SOUSA.  
*Do autor.*

**RIO DE JANEIRO**  
LIVRARIA LUSO-BRASILEIRA  
30—RUA DA QUITANDA—30

{4}

{5}

## Prologo.

Pobreza não é vileza. Aviados andariam os vicios se fizessem conta dos pobres. Por não ser a pobreza vicio, fogem della, até os... escriptores... E como esperar *um pobre diabo* que outrem, que não elle, escreva *suas memorias*?

Responda o respeitavel—Publico—, sujeito em quem nesta occasião não descarrego a mais tremenda das descomposturas por amor á vazão deste livrinho. Cá me fica ella, porém, de reserva para quando eu haja de escrever algum *juizo critico* sobre alheia obra.

{6}

Eis ahi o que é um *prologo*; em latim—*exordium*, em francez—*avant-propos*, no alemão—*Einleitung*, no inglez... *foolery*, e em as outras linguas como queiram, excepto no grego quê por fôrça será *pro-logos*, de *logos* discurso, *pró* anticipado, para se não dizer que embaço.

Este prologo e os capitulos seguintes são escriptos em portuguez, com perdão do meu professor de grammatica.

{7}

# PRIMEIRA PARTE.

{8}

{9}

## CAPITULO I.

Vim á luz ao pôr do sol, minutos antes do toque das Ave-Marias. Hora fresca. No anno em que nasci, não appareceu nenhum cometa por cima de mim. Não requeri para *vir á luz* e, ai de nós! se o nascimento dependesse de um—*como requer!*—A esta hora meio mundo não teria feito a barba.

Do dia do nascimento aos meus oito annos de idade, deram-se mil e uma circumstancias; notem que não digo—*pormenores* e aprendam a evitar um *hespanholismo*.

{10}

## CAPITULO II.

Aos doze annos lia, escrevia, contava e até *grammaticava*, se dou crédito ao attestado do meu professor, que, nesse tempo, escrevia deste modo—*proFeçôr*.

Ainda noje não atinei como aprendi a lêr, a escrever, a contar e a grammaticar com um professor, que lia *Simeão da Nautica* em vez de *Simão de Nantua*, orthographava professor d'aquelle modo, contando pelos dedos quando sommava 3+2+5?!

Tambem já não tinha medo de almas do outro mundo.

## CAPITULO III.

Ouçam isto:

—Senhor meu sobrinho! abeire-se cá, sommemos as nossas contas. Ha dous mezes esteve vossê de cama, em risco de morrer entrevado, consequencias das suas sahidias de casa a deshoras; pondo novamente os pés na rua foi contrahir uma divida na importancia de oitenta e cinco mil e quinhentos réis; aqui tenho a nota:

{11}

1 Vestido de cambraia de côr com babados.	15\$000
1 Chale de lã e sêda.	10\$000
Dinheiro pedido.	6\$000
Juros.	2\$000
2 Pares de chinelas de saltinho.	6\$000
1 Peça de morim francez.	8\$000
1 Vidro d'agua de Colonia.	1\$500
1 Dito de Patchouly.	1\$000
1 Pente de tartaruga (imitação).	10\$000
1 Pote de pomada.	1\$000
1 Par de brincos (ouro de lei).	25\$000
	85\$500
Rs...	85\$500

pagos por mim ao Sr. Moreira, por honra das cinzas de meu irmão. Não satisfeito com esta compra, que vossê diz ter feito para seu uso, como se eu fosse algum pato, ave a mais estúpida dos gallinheiros, tanto assim que sempre ouvi chamar *pato* a quem se deixa levar, sobretudo, pelos *não me-deixes* de certas mulheres; não satisfeito, dizia, ha oito dias recebeu vossê uma *sova de peias*, em resposta aos desaforados versos que dirigio á santa mulher do honrado visinho o Sr. Onofre. Somme as parcellas, subtrahindo a *sova a seu favor*, e veja quanto me resta? O embolso é a sua entrada para a escola de aprendizes marinheiros.... Vá aprender a ser homem....

{12}

—E os meus estudos, tio? balbuciei.

—Os seus estudos! replicou elle; o que estuda vossê?

—Oh tio! o latim....

—Sim, o latim.... ha quatro annos anda vossê estudando o latim; e o que sabe delle?

—Já declino os *nominativos*, tio....

Que vergonha! eu chegava aos 16 annos!

#### CAPITULO IV.

O excellente velho era homem de têmpera austera, não lia os jornaes. Se os lesse teria visto que eu, apesar de haver gasto quatro annos para no cabo chegar aos *nominativos da artinha*, por outro lado, dava provas do meu talento.

{13}

N'aquella idade já o *Camarão* e o *Lagarto*, periodicos *literarios*, *artisticos*, *politicos* e *burlescos* publicados então, chamavam a attenção dos leitores, o primeiro para o meu artigo intitulado *O homem deve ser sceptico* e o outro sobre a minha poesia—*Ella* (á qual meu tio alludio quando fallou na santa mulher do nosso honrado visinho o Sr. Onofre).

O meu primeiro escripto que andou em letra redonda foi o artigo. Quem conhece o gigante pelo dedo, conhecerá o artigo inteiro por este começar:—«Eil-o cabisbaixo e taciturno fitando o horisonte da existencia... Esqueleto de crenças resequidas, elle descrê da luz e das trévas, de si e de todos, etc.»

O *Camarão*, sem inquirir como póde a gente *cabisbaixa* fitar o horisonte da existencia, e muito menos a que animal pertencera o *esqueleto de crenças resequidas*, rematava o encomio ao artigo com estas palavras de arromba:

«É de crêr que o joven e talentoso escriptor com o andar do tempo modifique as doentias idéas, prematuramente bebidas nas fontes de Benedicto Spinosa, J. J. Rousseau, Claudio Helvecio, e outros materialistas. Asseveramos, no entanto, que se este artigo levasse o nome de um destes autores—seria uma faisca electrica lançada no meio da sociedade; tal é o vigor dos seus paradoxos...» {14}

Muito obrigado, aos Srs. Redactores do *Camarão*.

## CAPITULO V.

Quando escrevi—*O homem deve ser sceptico*, eu sabia onde ficava a fonte de Helvecio, Rousseau, Spinosa e outros, que o *Camarão* conhecia igualmente, como no Japão a esta hora se sabe que hontem chegou o vapor do Norte! Mas tal nomeada de literato consummado ganhei na opinião dos ledores do *Camarão*, que a redacção do *Lagarto*, receiando desequilibrar a prosperidade, poz logo á minha disposição todas as suas columnas.

Respondi á offerta enviando a minha—*Ella*.

Tres dias depois, corria ella o mundo, inserta na 1.<sup>a</sup> columna do 1.<sup>o</sup> numero da 2.<sup>a</sup> serie do periodico, levando na cabeça este chapelinho: {15}

«—A redacção do *Lagarto* sente ineffavel satisfação dando aos seus assignantes a grata noticia de haver o muito talentoso, muito sympathico e já assaz conhecido autor do—*Homem deve ser sceptico*, honrado as humildes columnas do nosso periodico com o prestigio do seu invejavel nome. A poesia abaixo inserta, verdadeiro primor da imaginação, fôra o melhor padrão da gloria de Petrarcha, se Petrarcha a escrevesse. Felicitemo-nos, pois, reconhecendo que o mavioso poeta deste torrão, reúne em si conjunctamente as qualidades dos cysnes do Senna, do Tejo, de Thebas, de Albião, de Torento, da Ausonia, etc.»

Leiam a primeira estrophe *d'ella*:

—Não sei dizer se a flôr da lorangeira  
É tão formosa, tão gentil, tão bella,  
Como a flôr do jardim da phantasia,  
A flôr do meu amor, a minha—*Ella*...

Quem souber, diga.



Vim a saber mais tarde que cysne Ausonio queria dizer—Virgilio; cysne de Torento—Torquato Tasso; Cysne de Albião—Miltão; cysne de Thebas—Pindaro; cysne do Tejo—Camões; cysne do Senna—Lamartine; cysne da... n'uma palavra, que todos os poetas tem o seu *quê de pato*. {16}

## CAPITULO VI.

Peroremos: meu tio não tentára torcer a minha vocação se lesse os jornaes, ficando provado que se *ella* fosse outra e não a pessoa da Sra. D. Balbina, santa mulher do Sr. Onofre, de memoria não saudosa para meus ossos, eu não teria levado a *sova de peias* estreando na poesia.

—Do berço á tumba só padece o genio!

## CAPITULO VII.

O irmão de meu pai não faltava quando promettia. {17}

Era seu dizer de todos os dias que o *cumprimento devia andar nas ancas do prometter*, (ditado da maior embirração dos ministros).

Prometteu-lhe no domingo, cumprio na segunda.

Sahia-me eu lepido com a *artinha* debaixo do braço.

—Aonde vamos? pergunta.

—A aula; respondo.

—Não senhor, não é a aula, vamos para o arsenal de marinha... marche...

—Eu juro ao tio... gaguejei, esfregando os olhos com as costas da mão, de ora em diante estudar, como se fosse um boi...

Tinham-me contado que se os bois fossem homens seriam grandes letrados.

—Para boi caminha vossê, replica elle, que para bezerro não lhe falta nada.

Já estavamos no meio da rua. E a mulher do Sr. Onofre na janella.

Nem de caso pensado, meu tio foi em direitura. Eu tinha desejado o contrario... n'aquelle dia bastava eu desejar, para succeder ás avessas, fosse o que fosse. {18}

## CAPITULO VIII.

—Bom dia, vizinha; disse elle parando a um metro de distancia.

—Deus lhe dê o mesmo; respondeu ella.

—O vizinho Onofre, está?

—Sahio.

—Tinha a dar-lhe boa noticia.

—Que noticia é, então?

—A da entrada deste *meco* para a companhia de aprendizes marinheiros... além de outros, pelo atrevimento... a vizinha bem sabe...

Para encobrir o pudor, que me colorio as faces, abri a artinha fingindo declinar o *servus servi*, observando de esquelha a vizinha.

—Por isso não vá agora o vizinho, acudio ella medindo as palavras, desencaminhar o moço dos estudos.... sabe que... repelli o atrevimento... Disse—*repelli*—em tom menor.

—Desencaminhado anda elle, ha muito tempo, tornou meu tio... Ainda hontem, fui saber no mercado que o nome deste madraço já corre em *letras de fórma*. {19}

O Sr. Onofre apontou na esquina.

Patife!

## CAPITULO IX.

—Perguntava pelo vizinho.

—Apre! diz o Sr. Onofre, já não se póde em dias de hoje comer farinha... cára como o assucar... Como vai o rapazete? (continua, dirigindo-me a palavra).

Não me pude conter. Tudo quanto quizesse, menos rapazete diante da mulher.

—Sr. Onofre, investi, veja como falla!... Rapazete foi o senhor quando tinha 16 annos; eu aos 16 annos não sou rapazete, sou um homem de muito talento e escriptor de boa nota e como tal reconhecido pelo *Camarão* e pelo *Lagarto*, fique sabendo, se não sabe lêr. Se o senhor me chama rapazete porque não tenho barbas, saiba que não faço caso de cabellos, desses distinctivos do toucinho ordinario, e que não tenho barbas porque não as quero ter. E de mais, assim como ha mulheres as quaes não sendo do genero masculino têm barbas, de igual modo, ha homens os quaes não sendo do genero feminino não as têm... {20}

Os circumstantes pasmaram.

De relance, pensei que meu tio gostara da resposta, quando... zás... atira-me uma taponna, verdadeira taponna, taponna com todos os ff e rr e mais esta addenda:

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

